

**LEITURA E ESCOLA:
O PROFESSOR FRENTE AOS DESAFIOS DO ENSINO
NO SÉCULO XXI**

Samara Moço Azevedo (UENF)

samara.moco@gmail.com

Bianka Pires André (UENF)

biankapires@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho irá tratar a questão dos desafios do fomento à leitura na escola, tendo em vista as influências do avanço das tecnologias tanto na leitura e na escrita quanto no processo de ensino e aprendizagem. Será levado em consideração também a crescente mudança do perfil do alunado e as dificuldades de adaptação enfrentadas pela escola ao atendimento das demandas do seu público. Nesse sentido, o professor como mediador do processo de formação discente, encontra-se perante um duplo desafio diário: o de tornar a escola atrativa (apesar de defasada) e o de fomentar o gosto dos alunos pela leitura e consequentemente, pelos livros, mesmo em meio ao avanço tecnológico que tem tornado a leitura e a escrita cada vez mais objetiva e fluida.

Palavras-chave: Professor. Escola. Tecnologia.

1. Introdução

A escola possui o dever de garantir o direito de ler a todos e, além disso, formar cidadãos críticos capazes de transformar a realidade em que vivem, de interagir socialmente, de atuar politicamente e de produzir conhecimento. Entretanto, o que temos visto é que essa instituição não vem conseguindo cumprir o seu dever social com êxito.

À medida que o tempo avança, ao professor tem se atribuído ainda mais funções. Funções essas que, muitas vezes, não cabem a ele e nem à escola. Ainda, em conjunto a isso, vêm também diversos problemas educacionais que ficam a cargo dele tentar solucioná-los ou, ao menos, minimizá-los, como: o desinteresse dos alunos, a falta de condições de trabalho, concorrência com os meios de comunicação em massa, entre outros.

Este trabalho irá tratar a questão do avanço das tecnologias e suas influências em sala de aula e no processo de ensino e aprendizagem, principalmente quanto ao fomento do gosto pela leitura. Irá tratar também sobre a lacuna existente entre a escola e os alunos, uma vez que a

mesma vem adotando o mesmo modelo educacional há anos, ainda que diante de uma crescente mudança de perfil do alunado. Teremos como base a formação docente que por vezes, não dá o suporte necessário para se formar professores para atuar como mediadores de leitura e do processo de ensino e aprendizagem.

2. Os desafios da formação de novos leitores

Durante os últimos 50 anos o mundo, de modo geral, passou por grandes transformações. Houve um grande avanço tecnológico, científico e até mesmo cultural. A partir dessas questões pode-se observar que muitas circunstâncias parecem ter avançado, mas a sensação é que a escola continua estagnada. Na verdade, aconteceram mudanças, algumas específicas até trouxeram grandes benefícios para a educação, mas ainda assim o modelo educacional vigente deixa a desejar em muitos aspectos, pois há problemas de anos atrás que perduram até os dias atuais. Nesse sentido, segundo as palavras de Zilberman (2008):

Tudo o que mudou parece ter mudado para melhor – menos a escola, com suas consequências: a aprendizagem dos alunos, a situação do professor, as políticas públicas dirigidas à educação, para não se mencionarem as condições de trabalho, onde predomina a insegurança, e o espaço físico das salas de aula, degradado e degradante. (ZILBERMAN, 2008, p. 14)

Em decorrência de todas as mudanças sociais dos últimos anos, a escola vem passando por grandes conflitos. Esses conflitos começam a tomar força após o processo de democratização do ensino, em que as inúmeras transformações sociais acabam por refletir na mudança do perfil dos alunos e, nesse momento, a escola se vê perante um público de uma realidade diferente da que ela costumava atender.

Segundo Soares (2002), o processo de democratização do ensino foi uma resposta às reivindicações das camadas populares. A escola que antes atendia a parcela abastada da sociedade, agora se vê perante uma enorme diversificação do alunado. Por seu público ser as classes favorecidas, a escola sempre privilegiou e continua a privilegiar a cultura e a linguagem dessas classes que são diferentes da cultura e linguagem das camadas menos favorecidas. Por isso, ao não se reorganizar e não reformular novos objetivos para atender as transformações que nela vêm ocorrendo, essa instituição acaba por gerar certo conflito entre seus atores sociais.

Levando em consideração as palavras de Soares (2002) com rela-

ção a essa mudança de perfil dos alunos, pode-se fazer uma analogia com a “lei da oferta e da procura”: se os perfis dos alunos estão mudando, cabe à escola se ajustar para atender as novas demandas, assim como acontece no capitalismo. Porém, não é isso que tem acontecido nos últimos anos, em especial, nas escolas públicas.

As escolas, de um modo geral, continuam estagnadas, utilizando com os novos modelos de alunos as mesmas metodologias de anos atrás: disciplinas fragmentadas, aulas expositivas e com muito conteúdo, dentre outros métodos que não atendem a atual realidade escolar, e muito menos as necessidades de aprendizagem dos educandos.

Na perspectiva de Soares (2002), a solução para os conflitos exige uma transformação social que vai além dos muros das escolas. Deve haver uma tomada de consciência em que os indivíduos se percebam como um ser social, ou seja, como parte essencial da sociedade. E é nesse sentido que se faz necessário que a escola deixe de ser a mantenedora da estabilidade do sistema e se torne uma instituição que leve o aluno a se perceber como cidadão e a exercer a cidadania. Ainda de acordo com Soares (2002),

[...] a solução estaria, pois, em transformações da estrutura social como um todo; transformações apenas na escola não passam de mistificação: não surtem efeito, e parecem mesmo ter o objetivo de apenas simular soluções, sendo, na verdade, um reforço da discriminação. (SOARES, 2002, p. 64)

Em consonância a essa afirmativa, Freire (2011) defende que se entendermos que a educação é, de modo geral, um processo dinâmico de reconstrução e de saberes, valores, experiências e participação política contínuos, que se traduzem como ato de intervenção do mundo, podemos dizer que o conjunto de planos e programas das políticas educacionais devem ser capazes de fomentar no aluno o saber pensar como instrumento do exercício da cidadania no jogo de interesses e de poder, presentes nas relações sociais.

Nesse sentido, torna-se evidente a necessidade de mudanças, mas para que as tentativas não fracassem nos primeiros esforços é preciso que se tenha a intenção de formar cidadãos críticos desde a educação infantil, pois é nessa etapa que a criança vive uma fase mais ativa da imaginação e da criatividade. Entretanto, é essencial que se reforce também as bases de quem não teve uma formação voltada para a criticidade, para que esse possa compreender a importância de sua influência sob as futuras gerações através de suas experiências, de sua fala e do seu modo de pensar e

agir.

Diferentemente de anos atrás, o professor hoje não é tido mais como o único detentor do conhecimento. O aluno, nos dias atuais, é tão ativo quanto o professor no processo de ensino aprendizagem. Tendo em vista essa perspectiva, Moretto (2002) afirma que “[...] o aluno é um elemento ativo no processo, como é também o professor. Portanto, o aluno não pode ser um mero “escutador” e o professor apenas um “falador”. A relação entre ambos deve ser de constante interação” (MORETTO, 2002, p. 75). O conhecimento está em toda parte, basta acessá-lo. Por esse motivo, torna-se cada vez mais indispensável que o ambiente escolar seja atrativo em todos os seguimentos para que não acabe havendo um distanciamento entre aluno e escola.

O fato da escola hoje ser considerada como moderna não a torna um modelo isento de problemas educacionais, pois apesar de ter passado por transformações, ainda há nesse modelo educacional traços da escola tradicional que estão arraigados até hoje e que regem, na maior parte das vezes, essa instituição de ensino.

Sendo assim, a escola deveria repensar suas metodologias, suas relações interpessoais, seus métodos avaliativos, seus objetivos e suas funções, desde o nível básico até o nível superior. Para que isso aconteça, efetivamente, torna-se preciso a união de todos os profissionais da educação e não deixar só a cargo do professor essa responsabilidade, pois segundo Garcia (2001):

Mesmo o professor mais entusiasmado dentre nós, aberto à mudança, centrado no aluno, luta para acompanhar a quantidade, o grau e o ritmo das transformações na profissão. E o professor menos entusiasmado dentre nós, resistente à mudança, não-centrado no aluno, está convicto de estar sendo ameaçado, sente-se inferiorizado e experimenta o abandono de ser deixado para trás. (GARCIA, 2001, p. 254)

A mudança começa quando os professores formam alunos capazes de repensar a realidade em que vivem e de atuar ativamente na sociedade, pois se reconhecem como parte dela e sabem argumentar e lutar por aquilo que lhes pertence por direito. Isso pode se dá por meio da prática social da leitura, onde o aluno passa a compreender as entrelinhas do mundo em que vive.

Levando-se em consideração que a maioria das pessoas tem seu primeiro contato com a leitura quando inicia sua vida escolar, faz-se necessário que o professor seja um mediador da formação de alunos leito-

res. Nessa perspectiva, é relevante que o professor seja um leitor em potencial, pois se ele for, antes de mais nada, um apreciador de livros, ele facilmente será um disseminador de leitura e conseguirá êxito no estímulo ao hábito de ler. Em concordância com essa afirmativa, Johns e Vanleirsburg (2001) dizem que:

A possibilidade de desenvolver interesses e atitudes em relação à leitura é aumentada quando os professores compartilham seu amor pela leitura e dão aos alunos oportunidade de desfrutarem os materiais impressos em um contexto mais amplo, o qual leva em consideração as condições essenciais para a aprendizagem. (JOHNS & VANLEIRSBURG, 2001, p. 118)

Os mesmos autores ainda acrescentam que:

Bons professores são exemplos para suas classes à medida que influenciam o prazer de ler. Eles orientam os estudantes para os materiais especificamente adaptados para nível e interesse individuais. Também criam um ambiente de aprendizado em que os alunos, de modo ativo, optam por ler como um meio de obter prazer e informação. (JOHNS & VANLEIRSBURG, 2001, p. 118)

Ainda sob essa ótica, Kramer (2001) alega que “é impossível tornarmos nossos alunos pessoas que leem e escrevem se nós mesmos, professores, não temos sido leitores...”. (KRAMER, 2001, p. 103)

O professor que não estimula em seus alunos o gosto pela leitura, apenas alfabetiza. Em outras palavras, ele somente ensina os códigos alfabéticos necessários à comunicação, mas não cria as condições para se constituir um leitor, algo indispensável para a formação crítica e social dos alunos. Segundo Teberosky (2003), ler e escrever não se reduz a junção de letras, nem a decifração dos códigos, pois a língua não é um código: é um complexo sistema que representa uma identidade cultural. É preciso saber ler e escrever para que haja interação autônoma com essa cultura, para conseguir modificá-la, deixando o lugar de quem apenas consome, para o lugar de quem enuncia.

O objetivo da escola não deveria se resumir a formação de leitores ingênuos, mas sim cidadãos leitores que possam dar novos sentidos à vida social, através da criatividade e da criticidade. Assim, como afirma Paulo Freire (1989), “a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela portanto resulta o conhecimento do objeto que o texto fala” (FREIRE, 1989, p. 17). Nesse sentido, o professor funciona como mediador entre sujeito e objeto lido.

Se analisarmos os *déficits* existentes com relação à leitura, que

começam nos anos iniciais e perdem até a formação de professores no ensino superior, torna-se difícil afirmar em qual modalidade de ensino (educação básica ou ensino superior) deve-se iniciar as mudanças para uma melhoria na qualidade da formação de leitores. Tendo em vista que a educação básica depende dos professores que passam pelo ensino superior e que para se chegar ao nível superior é preciso ter uma boa base.

Fazendo um paralelo entre educação básica e ensino superior, Pimenta (1990) afirma que:

O fracasso da escola pública de ensino fundamental é explicado, entre outros, pelo fracasso do curso de formação de docentes, que não tem conseguido formar professores capazes de proceder às alterações necessárias na organização escolar de forma a melhorá-la. (PIMENTA, 1990, p. 20)

Sendo assim, considerando que todas as modalidades de ensino estão intimamente ligadas e entrelaçadas, não há como afirmar onde está ao certo a causa da falta de êxito da escola. Ela pode estar na formação docente, que não consegue formar professores competentes, como pode estar na educação básica, em que o aluno conclui o ensino médio com diferentes tipos de *déficits* e os carrega consigo até o ensino superior. Então, o melhor a se fazer é repensar todas as fases de ensino, buscando soluções necessárias para melhoria na qualidade da formação dos alunos de um modo geral. Nesse sentido, as mudanças necessárias para educação devem começar simultaneamente em todas as modalidades de ensino.

Pensar em uma formação de professores leitores, que sejam capazes de instrumentalizar seus educandos e, principalmente, formar novos leitores é fundamental na busca pela melhoria educacional. Segundo Antunes (2008), o professor deve ser capaz de estimular no aluno o interesse pela descoberta na atividade de leitura e não apenas os saberes estabelecidos, mas principalmente o prazer de ler.

De acordo com Marcuschi (1995), torna-se essencial que o professor estimule a leitura em sala de aula, esforçando-se para tornar a atividade de leitura útil, agradável e desejável. Pois segundo Zilberman (2003):

[...] a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança. (ZILBERMAN, 2003, p. 16)

Para que a leitura se torne algo agradável e principalmente desejável, é preciso entender que “a leitura é, ao mesmo tempo, uma questão

linguística, pedagógica e social sendo papel da escola e do professor propiciar as condições necessárias para que nossos alunos se tornem leitores autônomos” (ORLANDI, 1988, p. 88). Por esse motivo, o professor deve levar em consideração que “em cada nível de ensino e em cada contexto social e psicológico, é preciso usar estratégias adequadas ao público alvo” (MORETTO, 2002, p. 50), ainda mais, tendo em vista a disseminação das tecnologias e atratividade que as mesmas proporcionam.

Em tempos de televisão e internet tem sido cada vez mais difícil tornar a escola um lugar interessante e que traga prazer ao alunado. As possibilidades que as novas tecnologias trazem são tantas, que tornar a escola atrativa não é uma tarefa fácil. Com todas essas mudanças, recai sob os professores a responsabilidade de deixar os alunos atraídos pelo universo escolar. Nesse sentido, Coelho (2008) ressalta que:

É esse o tempo de mutação que nos desafia a colaborarmos com as mudanças ou a resistirmos a elas. Desafio difícil de ser enfrentado, principalmente por aqueles que, direta ou indiretamente, estão ligados à Educação e à necessária reformulação dos processos de Ensino em crise. (COELHO, 2008, p. 76)

O que importa nesse momento é levar em consideração que o aluno, entendido como um indivíduo que faz parte da sociedade, está suscetível a mudanças e sofre as influências das transformações sociais. Nesse sentido, a preocupação e a atenção das pessoas que fazem parte do mundo educacional deve se voltar para “a emergência de um novo tipo de estudante, com novas necessidades e novas capacidades” (SILVA, 2013, p. 204). O autor ainda acrescenta “que um novo tipo de subjetividade humana está se formando; que, a partir do novo nexos entre cultura juvenil e o complexo crescentemente global da mídia, está emergindo uma formação de identidade inteiramente nova”. (SILVA, 2013, p. 208)

Entendendo que há o surgimento de uma nova geração que possui características e necessidades diferentes de gerações anteriores, acaba se tornando indispensável que a escola e os profissionais da educação repensem, reflitam e reavaliem seus métodos, pois, caso contrário, adentraremos numa crise educacional maior ainda, visto que as Novas Tecnologias vieram para ficar e trouxeram consigo grandes mudanças na forma de pensar, viver, escrever e falar dos indivíduos.

A televisão e a internet estão presentes na maior parte dos lares das famílias brasileiras e, sendo assim, é inegável suas influências na vida das pessoas que delas fazem uso. Desse modo, como toda mídia, possuem benefícios e malefícios.

Levando em consideração que o objetivo principal é formar alunos capazes de selecionar criticamente aquilo que irá lhe trazer algum tipo de benefício, o melhor a se fazer é utilizar essas ferramentas como meio de acrescentar conhecimento na vida dos mesmos.

Fazer questionamentos em sala de aula sobre os benefícios e malefícios dessas tecnologias torna-se importante, pois estes possibilitarão que o aluno desenvolva uma postura crítica em relação aos conteúdos veiculados nessas mídias (BARBOSA, 2006, p. 177). Essa atitude é interessante porque faz com que esse aluno não aceite as informações dadas por essas mídias como “verdade absoluta”, levando-os a pesquisar e refletir sobre os conteúdos, formulando suas próprias opiniões acerca do assunto.

Se pensarmos que a televisão e a internet podem trazer às crianças e jovens muito mais atratividade do que um livro, podemos considerar a influência negativa dessas mídias na formação de leitores. Nessa perspectiva, segundo a *Revista Espaço Aberto* (2000), “uma das causas da falta de hábito é que a leitura tem que disputar espaço com outras formas de entretenimento. As grandes editoras do Brasil surgiram junto com o rádio e a televisão que, de alguma forma, são meios de lazer baratos e de fácil acesso”. (*Revista Espaço Aberto*, n. 24, 2000, *apud* BRITO, 2010, p. 8)

No contexto global torna-se cada vez mais difícil distanciar as pessoas das tecnologias, tendo em vista as facilidades que ela proporciona ao cotidiano. Levando em consideração que TV e internet estão presentes no dia a dia das pessoas, é inevitável que elas sejam uma ferramenta usual dos alunos.

Segundo Coelho (2008) a escola encontra-se hoje diante do desafio de fazer o melhor uso possível das tecnologias. A autora afirma que:

O grande desafio a ser enfrentado pela escola em crise está, hoje, no confronto entre o atual *império da imagem* (o ciberespaço) e o inesgotável *poder construtor/ordenador da palavra* (o mundo letrado, o livro). Em busca de novos paradigmas e nova instrumentalização, a escola (a cultura) se vê dividida entre a urgente redescoberta da leitura e da literatura (os grandes agentes de formação das mentes) e o fantástico meio de comunicação cibernética: a Internet, que veio para ficar. (COELHO, 2008, p. 78)

Olhando por esse ângulo, pode-se perceber que dentre as necessidades dessa nova geração está a da comunicação cibernética que, a cada dia mais, faz parte da rotina dos jovens e isso acaba por interferir na forma como eles leem e escrevem. É nesse sentido que Souza e Gomes (2008) afirmam que:

A escrita e a leitura experimentam mudanças radicais com o surgimento do espaço cibernético. O leitor de um texto em rede não é mais um receptor passivo de leitura; ele participa da escrita-emissão deste mesmo texto, já que tem diante de si um potencial de mensagem e não uma mensagem estática (SOUZA & GOMES, 2008, p. 41).

Como parte integrante de uma sociedade, a língua, assim como os demais elementos, não consegue se manter estática às transformações sociais que acontecem com o passar do tempo. Bakhtin (1981), afirma que “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta...” (BAKHTIN, 1981, p. 121, *apud* SOUZA & GOMES, 2008, p. 72). Nesse sentido, não seria diferente com a imediaticidade do mundo tecnológico.

As novas tecnologias têm proporcionado muitas vantagens à vida de todos. Porém, devemos nos atentar também a todos os problemas que as mesmas vêm gerando, visto que “muitas vezes, tal como um vício, não conseguimos sequer tirar férias sem que computadores portáteis ou telefones celulares nos acompanhem. Nossa dificuldade em dominar o “vício tecnológico” nos faz reféns [...] daquilo que, dizem, que veio para nos ajudar”. (ROCHA, 2009, p. 186)

Se essa dependência, a longo prazo, trará prejuízos, só o tempo irá dizer. Quanto às influências da internet na vida escolar, é nítido que para o aluno é muito mais interessante estar na frente de um computador acessando um mundo inteiro de informações do que estar estático em sala de aula ouvindo o professor falar. Com isso, segundo Coelho (2008), “a solução ou resposta definitiva do problema está longe de ser alcançada. O que nos cabe é tentarmos soluções provisórias (que talvez acabem se mostrando definitivas!)” (COELHO, 2008, p. 79). Então, nesse caso, o melhor a se fazer é aliar-se as novas tecnologias, fazendo o melhor uso possível delas.

A televisão, o vídeo, o cinema, o computador, a internet e o celular vieram para ficar. Essas invenções da humanidade podem ser muito úteis dentro do cotidiano escolar se utilizadas como ferramentas pedagógicas de maneira correta. Ao invés de criticar essas novas tecnologias, deve-se pensar meios de utilizá-las como ferramentas pedagógicas com o objetivo de enriquecer as aulas, pois a informação e – consequentemente – a escrita e a leitura, se tornaram mais acessíveis, à medida que estão a um clique de distância, seja do botão liga/desliga da TV, do computador ou do celular.

É inegável a potencialidade das mídias se postas a serviço dos professores como forma de complementar os conteúdos discutidos em

aula, seja por meio de vídeos, pesquisas, aplicativos ou programas de computadores capazes de editar textos, gerar gráficos e planilhas ou até mesmo funcionar como ferramenta voltada para criação de trabalhos artísticos.

De acordo com Lévy (2004, *apud* GALLI, 2012, p. 178), “a internet, como um espaço de comunicação surrealista, apresenta uma realidade em que “nada é excluído, nem o bem, nem o mal, nem suas múltiplas definições, nem a discussão que tende a separá-los sem jamais conseguir”.

Daí a necessidade de os professores auxiliarem os alunos com relação a seleção das informações adquiridas através das tecnologias da informação, possibilitando que os educandos reflitam sobre tais informações, gerando seu próprio conhecimento, através de seu pensamento crítico em relação a tudo que foi lido sobre um determinado assunto.

Para que o uso dessas ferramentas em sala de aula seja possível, não basta só a boa vontade do professor, faz-se necessário que a escola disponha de recursos materiais, o que não depende exclusivamente dela, mas também do governo que é responsável pela manutenção das escolas e distribuição de recursos para a mesma.

É evidente que por conta da velocidade das informações e das transformações sociais a escola e, conseqüentemente, os professores têm se deparado com novos desafios constantemente. Se há anos atrás a queixa era que os alunos liam pouco, hoje continuamos nos queixando que os jovens não possuem o hábito de ler e isso se torna cada vez mais notório com o avanço das tecnologias. Por esse motivo, é indispensável refletir sobre a atual conjuntura educacional, visando as transformações necessárias para a melhora na qualidade do ensino.

3. Conclusão

Repensar o modelo de educação e as práticas pedagógicas adotadas nas escolas tem sido um grande desafio social. Há uma necessidade de se formar professores capazes de desenvolver nos alunos a capacidade leitora e crítica para que possam buscar a transformação necessária para o meio em que vivem. Não há mais a possibilidade de uma escola do século XX preparar (ou educar) alunos do século XXI.

A afirmativa acima torna-se evidente quando analisamos os dados

divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep, seja com relação a queda na taxa de matrícula entre as etapas do ensino (decreceu cerca de 250% em 2013 do Ensino fundamental para o ensino médio), pelas insatisfatórias médias do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB ou até mesmo relacionado aos resultados obtidos no Programa Internacional de Avaliação de Alunos – Pisa 2012 onde o Brasil ficou em 55ª posição em leitura, 58ª em matemática e 59ª em ciências, num total de 65 países avaliados (PI-SA/INEP, 2012).

Dessa forma, compreendemos que no sistema educativo e consequentemente no ensino da leitura ainda há uma lacuna muito grande a ser preenchida. Na tentativa de encurtar essa distância é preciso que ocorra uma mobilização em massa, ou seja, todos unidos buscando dar novos rumos à realidade que temos hoje, fazendo com que o ideal deixe de ser uma utopia, um sonho distante, algo idealizado visando um elevado padrão de qualidade da educação e passe a ser o modelo educativo real.

Nesse sentido, precisamos de qualidade na estrutura física sim, mas, mais que isso, na atual conjuntura da educação brasileira, precisamos de profissionais engajados na busca da qualidade do ensino, levando em consideração as necessidades e as especificidades exigidas pelo perfil do aluno pós-moderno. Dessa forma, a escola deve-se adaptar suas metodologias de acordo com os alunos e não o contrário, ou seja, é inaceitável qualquer tentativa de adaptar os alunos a um modelo educacional totalmente defasado e distante da realidade do mesmo.

Dito isso, vale ressaltar a importância do incentivo à leitura para o alcance de melhores resultados no processo de ensino e aprendizagem e a elevação da capacidade crítica do indivíduo para atuação na sociedade e modificação da realidade em que vive, uma vez que uma pessoa que saiba se posicionar, que saiba interpretar o mundo a sua volta, possui maiores possibilidades de transformar o sonho de um futuro melhor em realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. 6. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

BARBOSA, J. P. Outras mídias e linguagens na escola. In: CARVALHO, M. A. F.; MENDONÇA, R. H. (Orgs.). *Práticas de leitura e escrita*.

ta. Brasília: Ministério da Educação, 2006, p. 174-180.

BRITO, Danielle Santos de. A importância da leitura na formação social do indivíduo. *Revela: Revista Virtual Acadêmica da FALS*, São Paulo, n. 8, p. 1-35, jun./2010.

COELHO, N. N. Literatura e leitura em tempos de internet. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 14, p. 75-80, dez./2008.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GALLI, F. C. S. Discursos sobre a leitura na contemporaneidade: entre o texto-papel e o texto-tela. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, n. 51.1, p. 175-192, jan./jun. 2012.

GARCIA, C. L. Educando professores afetivamente: desenvolvimento da equipe centrado no cliente. In: CRAMER, E. H.; CASTLE, M. (Orgs.). *Incentivando o amor pela leitura*. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 253-270.

JOHNS, J. L.; VANLEIRSBURG, P. Incentivando o hábito da leitura: considerações e estratégias. In: CRAMER, E. H.; CASTLE, M. (Orgs.). *Incentivando o amor pela leitura*. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 105-119.

KRAMER, Sônia. Leitura e escrita como experiência-notas sobre o seu papel na formação. In: ZACCUR, E. (Org.). *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Leitura e compreensão de texto falado e escrito como ato individual de uma prática social. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Org.). *Leitura perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1995, p. 38-57.

MORETTO, Pedro Vasco. *Prova*: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ORLANDI, E. P. *A história do sujeito leitor*: uma questão para leitura. Campinas: Letras de Hoje, 1988.

PIMENTA, Selma Garrido. GONÇALVES, Carlos Luiz. *Reverendo o ensino de 2º grau*: propondo a formação de professores. São Paulo: Cortez,

1990.

ROCHA, C. M. F. As novas tecnologias a serviço dos permanentes controles (e vice-versa). In: COSTA, M. V. (Org.). *A educação na cultura da mídia e do consumo*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 183-186.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

SOARES, M. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 2002.

SOUZA, C. H. M.; GOMES, M. L. M. *Educação e ciberespaço*. 1. ed. Brasília: Usina das Letras, 2008.

TEBEROSKY, A.; OLIVÉ, C. M. El nombre de las letras. *Lectura y vida*. Barcelona, n. 3, p. 6-14, 2003.

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 14, dez/2008.